

Melhorando a humanidade: justificação das ideias de cunho eugênico em Nietzsche

Improving humanity: justification of eugenic ideas in Nietzsche

Ivo da Silva Júnior*

Resumo: Este texto tem por objetivo investigar a função estratégica da contraposição categorial entre saúde e doença, que Nietzsche estabelece de forma clara a partir da *Gaia ciência*. Pretende, com isso, indicar que a crítica à modernidade que o filósofo empreende só se realiza plenamente quando se dá o recurso a essa contraposição. Explora, nessa direção, os desdobramentos de cunho – hoje assim denominados – eugenistas de sua empreitada crítica.

Palavras-chave: saúde; doença; modernidade; eugenismo.

Abstract: This text aims to investigate the strategic function of the categorial contraposition between health and sickness that Nietzsche establishes in a clear manner stemming from *The Gay Science*. In this way, it intends to assign that the critics to modernity undertaken by the philosopher can only be fully realized when he appeals to this contraposition. In this direction, Nietzsche explores the – as it is called today – eugenists outcomes of his critical enterprise.

Keywords: health; sickness; modernity; eugenism.

Recebido em: 29/05/2019 – *Received in:* 05/29/2019

Aprovado em: 17/07/2019 – *Approved in:* 07/17/2019

Os “melhoradores” da humanidade, que tão bem souberam transformar “a besta homem” num animal controlável, aprimorado, não deixam de receber uma severa avaliação de Nietzsche, na sua obra da maturidade, para bem terem atribuído um lugar muito preciso. Essa avaliação traz desdobramentos que nos leva ao tema do eugenismo, que, a rigor, na sua acepção atual, não está presente na obra nietzschiana. Em virtude disso, caber-nos-ia realizar um estudo com as fontes do filósofo, apontando para suas vinculações, com esse ou aquele autor, com essa ou aquela corrente de pensamento, ou investigar a maneira pela qual a cultura brasileira se impregna com essas ideias provindas de Nietzsche e as utiliza para fundamentar, mesmo que parcialmente, no caso, posições eugênicas¹. Privilegiando uma abordagem na linha da história da filosofia, visamos, no entanto, algo diverso, o que seja, estabelecer em que termos foram

* Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, SP, Brasil. Contato: ivosjr@gmail.com

¹ Pesquisa dessa natureza tem sido realizada por Geraldo Pereira Dias, que, a partir de suas investigações sobre a recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil (em particular na tese de doutorado “A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo”), aborda com acuidade esse aspecto.

conceitualmente engendradas as noções que balizam certas ideias de Nietzsche que hodiernamente receberiam o rótulo de eugênicas².

Na trilha de Francis Galton, Nietzsche aborda uma série de temas que hoje colocaríamos sob a rubrica da eugenia, mas que, na época, era valorada por um prisma relativamente positivo em relação aos dias atuais³. Temas estes que o filósofo aborda a partir do panorama social em que se encontrava a Alemanha, particularmente aquele que se segue à vitória alemã na guerra franco-prussiana, visando, com isso, de forma clara, a fornecer uma solução satisfatória para aquilo que considera problemas provenientes de mudanças estruturais da política e da economia do período e que afetavam diretamente a cultura.

Dada a massa populacional que não tinha lugar assegurado na sociedade – e a impossibilidade de um controle social rigoroso desse contingente –, soluções radicais e breves para dela se livrar não deixam de ser encontradas nos textos de Nietzsche, apesar de, ao mesmo tempo, ser ressaltado o papel importante que essa massa (numericamente falando) tem para a produção econômica em geral. Apesar disso, certos “descartes” deveriam ser levados a bom termo, pois de seres decadentes. Em relação a esse ponto, os textos do filósofo são abundantes. Fiquemos por ora com apenas uma passagem da obra publicada, o parágrafo 206, de *Aurora*. Escutemos o filósofo:

Esta seria a atitude correta: os trabalhadores da Europa deveriam declarar-se uma impossibilidade humana *como classe*, e, não apenas, como em geral sucede, como algo duramente e impropriamente organizado; eles deveriam suscitar na colmeia europeia, uma época de enxames migratórios, como jamais houve, e, com esse ato de livre mobilidade em grande estilo, protestar contra a máquina, o capital e a escolha que agora os ameaça, de *ter* de tornar-se escravos do Estado ou escravos de um partido da subversão⁴.

² Registremos que, muitos dos apontamentos que se seguem, mesmo que num enquadramento diverso, acompanham de perto o percurso e as análises de Losurdo, D. em *Nietzsche - O rebelde aristocrático*. Trad. Jaime A. Clasen: São Paulo, Revan, 2009. Sobre a gênese do tema na obra nietzschiana, reenviamos ao texto de Salanskis, E. “Sobre o eugenismo e sua justificação maquiaveliana em Nietzsche” (tradução de Eder Corbanezi, *Cadernos Nietzsche*, vol. 32, 2013). Igualmente, reencaminhamos para o texto de Frezzatti Jr., W. “Eugenista?” (*Revista Cult*, n. 236, julho 2018, p. 38-40). De forma breve, quanto ao primeiro texto, se acompanhamos o posicionamento mais amplo sobre a tese defendida, não seguimos as razões que a sustentam; quanto ao segundo, é em relação à tese ela mesma que nos colocamos em desacordo.

³ Ressaltemos, no entanto, que não apenas as ideias de Galton, F. (em *Investigação sobre a faculdade humana e seu desenvolvimento*, de 1883, e em *O Gênio hereditário*, de 1869), mas também as de Gumpłowicz, L. (em *A luta das raças: pesquisas sociológicas*, de 1883) e as de pesquisadores norte-americanos da época tiveram forte impacto na recepção de ideias de cunho eugenistas na filosofia de Nietzsche.

⁴ *Aurora* § 206 (trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004).

De início, ressaltamos que Nietzsche tem, frente ao Estado, nesse momento da obra (pois na época do *Nascimento da tragédia* algo diverso se passava), um posicionamento que ignora o fato de que, na modernidade, a existência de um Estado é um elemento incontornável, não podendo ser ignorado sem incorrer num retrocesso civilizacional. Encará-lo apenas como um agente repressor, como aqui realiza, em nada contribui para uma efetiva crítica do aparelho estatal. Isso dito, apontemos que, nesse trecho citado, o capital e o trabalho são igualmente depreciados. O que se compreende perfeitamente se levarmos em conta a perspectiva de Nietzsche, que, além de ser externa aos objetos criticados, é englobante, pois identifica num e noutro (no capital e no trabalho) uma base comum. Apontemos também a crítica ao “partido da subversão”. Não apenas o capital, mas a sua outra face, o socialismo, também é alvo de Nietzsche. É nessa direção que o filósofo impele os trabalhadores a se oporem ao capital. Não exatamente para se beneficiarem, mas para, como mero instrumento, barrar o avanço do moderno sistema produtor que avançava. Essas posições críticas do filósofo sobre os trabalhadores, que ele aborda até a exaustão em seus textos, prepara o terreno para que as soluções propriamente ditas para esse imbróglio sejam apresentadas. Continuemos então com o mesmo texto :

Que a Europa seja aliviada de um quarto de seus habitantes! Ela e eles terão o coração mais leve! Apenas em lugares distantes, nos empreendimentos de colonizadores entusiasmados, será percebido quanta razão e equanimidade, quanta sábia desconfiança a mãe Europa instilou em seus filhos – esses filhos não mais suportavam viver juntos a ela, a velha senhora embotada, e arriscavam tornar-se rabugentos, irritados e ávidos de prazer como ela. Fora da Europa, as virtudes da Europa estarão pelo mundo com esses trabalhadores; e aquilo que no interior da pátria começava a degenerar em perigoso desânimo e tendência criminosa, no exterior ganhará uma bela naturalidade selvagem e se chamará heroísmo⁵.

Cinismo à parte, o filósofo considera que algo, ao menos, da decadência europeia pode ser atribuída a esses que superpovoam a Europa e que, por extensão, deveriam deixar sua velha casa, podendo, ao invés de trazer um risco para o solo europeu – posição esta que não deixa de evidenciar as ideias de Charles Féré no tocante à criminalidade que essa massa populacional poderia a vir a praticar⁶ – serem úteis alhures. No entanto, essa massa descartável cujo trabalho não podia ser prescindido teria de ser substituída por outra, não decaída evidentemente. Essa outra poderia ser

⁵ *Aurora* § 206.

⁶ Ideias que se coadunarão ao seu tempo com a publicação de Féré, C. *Dégénérescence et criminalité. Essai physiologique*. Paris: F. Alcan, 1888.

composta pelos chineses, que trariam para a Europa alguma “calma e contemplatividade”. Afinal, essa, ao ser substituída não tinha como ser curada. Por que não seguir então a tendência mundial – norte-americana, no caso – e fazer dos chineses os novos escravos?

Antes de continuarmos, abramos um parêntese. Fica evidente que tomamos ao pé da letra as afirmações do filósofo, pois consideramos que a consonância de ideias que circulavam em vários meios e as afirmações de Nietzsche devam ser tomadas tal e qual. Dissociá-las afirmando que o filósofo apenas utiliza construções, formulações ou expressões de uma época para falar de sua própria época metaforizando ao mesmo tempo as formulações hodiernas a ele, a nosso ver não deixa de ser um contrassenso. Fechemos o parêntese.

Lembremos que, para além da “expulsão” de compatriotas, outros mecanismos podem contribuir para o “descarte” dos degenerados, tal como a morte tida como solução para estados de vida sem volta. Claro que os que sujariam as mãos nesse “descarte” seriam os próprios degenerados. Assim talvez possamos inferir na seção “Da morte voluntária”, em *Assim falava Zaratustra*. Trágameos antes, no entanto, um texto da *Gaia Ciência*, que bem demonstra que as posições de Nietzsche são bem mais radicais que as de Francis Galton (posições estas que aqui não detalharemos). Ao invés de salvar o degenerado da morte, em particular os que tanto repugnavam certo segmento social, os mendigos, por exemplo, o filósofo pensa que o seu desaparecimento deve ser incentivado. Afinal, a seu ver, viver significa “rechaçar sem tréguas de si tudo o que quer morrer; viver – quer dizer ser cruel e desapiedado contra tudo o que em nós e não apenas em nós torna fraco e velho. Viver – quer dizer: ser sem piedade para com os moribundos, os miseráveis e os velhos? Ser sempre de novo assassinos?”⁷. Nessa trilha, podemos trazer agora a passagem de *Zaratustra* a que fizemos referência acima:

Muitos morrem demasiados tarde e alguns, demasiados cedo. Ainda soa estranha a doutrina de: “Morre a tempo!” [...] Há aquele para o qual a vida malogra: um verme venenoso vai carcomendo-lhe o coração. Possa ele prover, tanto mais, para que lhe seja bem-sucedida a morte [...] Vive gente em demasia e por tempo demais fica pendurada em seu galho. Possa vir uma trovoada que sacuda da árvore todos esses frutos podres e bichados!⁸

⁷ *A Gaia Ciência*, § 26 (trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001).

⁸ *Assim falava Zaratustra*, Da morte voluntária (trad. de Mario da Silva. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995).

Trilha essa que, de forma cristalina, num de seus últimos textos, o filósofo bem irá mostrar que, depois de colocar a genealogia para operar, estará completamente desimpedida: “No conceito de homem bom se tomou partido por tudo o que é fraco, doente, malsucedido, sofredor em si mesmo, de tudo *o que deve morrer*; a lei da seleção se inverteu”⁹.

Expulsão, eliminação, mas também, para que problemas sejam minimizados no futuro, maneiras para impedir o surgimento de novos degenerados devem ser aventadas. Em *Assim falava Zaratustra*, I, “Do casamento e dos filhos”, Nietzsche não deixa de apontar para aqueles a quem cabe ter filhos: os homens saudáveis. Para esses, o casamento tem uma função precisa: “criar [a dois] um ser que seja mais alto do que aqueles que o criaram”, pavimentando o caminho para o surgimento do além-do-homem. Rechaça assim o casamento como sendo uma “mesquinha satisfação a dois”, fruto de uma união decida no além. Em termos mais diretos, o filósofo propõe regulamentar os nascimentos. Isso sem trazer aqui uma série de medidas complementares (presentes nos fragmentos póstumos do período) que, em nossos dias, seria impensável até mesmo para os mais conservadores.

Tendo como pressuposto certa ideia de hereditariedade, essas medidas “preventivas” que o filósofo traz permitiria o surgimento de seres saudáveis. É num texto dos *Crepúsculos dos ídolos* que sua compreensão do hereditário aparece com contornos muito bem definidos. Num aforismo intitulado “A beleza não é um acaso”, Nietzsche afirma que “todo o bom é herança”; já o imperfeito, “não é herdado”. O filósofo entende, no entanto, que, para se chegar ao bom, há um processo de aquisição de um determinado estado, sempre custoso e que se dá no correr do tempo. Noutros termos, considera que o bom é adquirido e o imperfeito é o estado inicial de algo, que necessita ser objeto de muito trabalho para sair da imperfeição¹⁰. O filósofo entende que os homens gregos, exemplares neste ponto, bem indicam o primeiro passo a ser dado, qual seja, o cultivo do corpo, e não o da alma, como ocorreu posteriormente com o cristianismo. A utilização do termo “beleza” como meio de exemplificar o que entende por hereditário não é por acaso, pois remete diretamente à composição física dos seres.

⁹ *Ecce Homo*, Por que sou um destino, § 8 (trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1995). Sobre o tema da morte voluntária, apesar de uma perspectiva contratante, ver Nasser, E. “Nietzsche e a morte”. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, vol. 11, 2008.

¹⁰ Cf. *Crepúsculos dos ídolos*, “Incursões de um extemporâneo”, § 47 (trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2013).

Esse trabalho árduo, sem o qual os resultados seriam desastrosos, fica explícito numa passagem de *Para além de bem e mal*:

Uma espécie nasce, um tipo se torna firme e forte na luta prolongada com condições *desfavoráveis* essencialmente iguais. Das experiências de criadores se sabe que, inversamente, as espécies favorecidas com alimentação abundante e, sobretudo, com proteção e cuidado extra, logo propendem fortemente à variação do tipo e são ricas em prodígios e monstruosidades¹¹.

A partir de sua compreensão do hereditário, as posições do filósofo sobre os que não tiveram a sorte de serem bem constituídos resvalam em posições que hoje consideraríamos eugênicas. Essa recusa da possibilidade de cura de seres doentes e o desprezo que acredita que devemos ter pelos seres malogrados constroem-se a partir de noções finamente buriladas desde os seus primeiros escritos, que ganham, a partir da *Gaia Ciência*, uma formulação muito precisa, que necessita ser reconstruída. Antes de analisar os elementos que sustentam essas posições “eugênicas” de Nietzsche, com o fito de bem avaliá-las, convém voltar, mesmo que rapidamente, à motivação do intento nietzschiano: um combate a todas as vertentes da modernidade, que, em última análise, são as responsáveis diretas pela degenerescência hodierna a ele. O combate é, portanto, contra os homens modernos; mais ainda, contra esse novo mundo que passou a dar as cartas. Acreditamos que ter o intento de Nietzsche em evidência é essencial para perseguir os passos por ele dados.

Apontemos, de início, para o fato de que o próprio Nietzsche não deixou de alertar seu leitor para suas mudanças de posição teórica, esclarecendo inclusive as razões que o teriam levado a se posicionar diferentemente em momentos diversos da obra.¹² É assim que o filósofo, no aforismo 370 da *Gaia ciência*, logo no início, lembra o leitor que cometeu certos equívocos de abordagem na sua crítica juvenis da modernidade. Diz ainda que as suas posições de juventude – que tinham como chave de leitura do mundo as categorias conceituais pessimismo / otimismo¹³ – teriam sido fruto de suas “vivências pessoais” de então: “Eu compreendi [os equívocos cometidos] – quem sabe a partir de que vivências pessoais? – o pessimismo filosófico do século XIX

¹¹ *Para além de bem e mal*, § 262 (trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1992).

¹² “Eu compreendi [os equívocos cometidos] - quem sabe a partir de que vivências pessoais? - o pessimismo filosófico do século XIX como sintoma de uma mais elevada força de pensamento, de mais ousada valentia, de mais vitoriosa plenitude de vida [...]” (*A gaia ciência*, § 370).

¹³ Não discutiremos aqui os desdobramentos inequívocos na teoria do conhecimento nietzschiana ao tratar de dualismos.

como sintoma de uma mais elevada força de pensamento, de mais ousada valentia, de mais vitoriosa *plenitude* de vida [...]”¹⁴.

Nos seus trabalhos de juventude, o filósofo recorre às categorias de pessimismo e otimismo, cujo enquadramento se faz a partir da tragédia grega, e que terão o papel de oferecer balizas ao mundo contemporâneo a ele para uma renovação cultural, que se daria, em particular, pela via da ópera wagneriana. Frente ao otimismo (de caráter nitidamente socrático) que então estava em voga (pois, trazido em parte pelas perspectivas econômicas abertas pela via prussiana), o contraponto era realizado com o “pessimismo”, de modo que a via de crítica do mundo moderno ocorria a partir dessa contraposição proporcionada pelas categorias pessimismo / otimismo. Se, no contexto da guerra de 1871, a via filológica-filosófica se mostrava promissora malgrado o equívoco na percepção do papel da filologia no contexto alemão – busca de raízes autênticas que visavam não a uma alma alemã, mas a construção de uma nação alemã – o mundo que se esboça após a vitória alemã na guerra, o fim do perigo da Comuna de Paris e a consolidação da III República Francesa apresentam um panorama que exige novas categorias para o enfrentamento do novo horizonte possibilitado pela abertura da via prussiana.

O influxo categorial que há na obra do filósofo torna-se compreensível, pois a nova faceta do mundo se estabiliza em torno da social democracia, que bruscamente põe entre parênteses questões identitárias e de fronteira a partir do desfecho que a vitória sobre a França encerra em 1871, passando o filósofo a trabalhar então com categorias que tinham como eixo a história, o mito supra-histórico e a consciência histórica. Assim, se rapidamente as categorias anteriores foram ultrapassadas pelos acontecimentos, deixando de ser eficientes, novas precisavam ser forjadas.

A partir da investigação moral que começa a se esboçar no período de *Humano, demasiado humano* (muito graças à necessidade de combater sentimentos ou posturas provenientes dos socialistas, como a compaixão), um novo cabedal teórico começa a ser elaborado. Nessa direção, a terceira mudança que ocorre com essas categorias contrapostas, como vimos dizendo, visa a encontrar uma maneira de ler o mundo a partir da criação de conceitos que permitam uma contraposição mais eficiente que os anteriores, de modo a poder levar a termo seu embate com a modernidade. Nesse momento da obra, a contraposição conceitual que se estabelecerá passa a ser saúde /

¹⁴ *A Gaia Ciência*, § 370. Tal compreensão, como dá a entender, refere-se ao abandono de certas posições sobre o pessimismo em detrimento de outras (nesse momento da obra, das categorias saúde / doença).

doença, que, doravante será o solo a partir do qual a contraposição entre um mundo doente e outro saudável se construirá, fazendo com que a crítica à modernidade se faça doravante com consistência e com menos incongruências, de um lado, e possibilitando a imposição de uma visão de mundo diversa, de caráter eminentemente aristocrático, de outro.

Em resumo, o que estamos querendo afirmar é que essas categorias, que davam a tônica à filosofia de Nietzsche neste ou naquele momento da obra, tinham sempre o mesmo objetivo. As contraposições entre esta ou aquela visão de mundo espelhavam-se nessas categorias, que, por força dos acontecimentos de ordem sócio-políticos ou econômicos ou por incongruência na conformação ou apreensão do real na elaboração teórica, ganharam formulações e matizes diferentes, embora mantivessem a mesma estrutura: análise e avaliações por meio de contraposições. Desenvolvamos um pouco mais essas afirmações.

A última formulação das contraposições tem sua consistência garantida quando observamos mais de perto os problemas inerentes às duas primeiras formulações. Estas, como o filósofo deixa ver, assentam-se naquilo que é, em parte, essencialmente alemão e, em parte, especificamente europeu, conferindo a elas uma ambiguidade intransponível. Tragamos novamente a *Gaia Ciência*.

No § 357, “Acerca do problema: ‘o que é alemão?’”, Nietzsche começa por indagar se o pensamento filosófico produzido em solo alemão tem como proveniência o caldo cultural alemão ou se este seria fruto de uma alma individual. A resposta contempla a possibilidade menos esperada: houve pensamentos que provieram da alma alemã e outros da, por assim dizer, alma europeia; exclui a possibilidade de se afirmar um pensamento que se circunscrevesse a uma alma individual nascida em solo alemão ou europeu. Assim, ao terminar esse aforismo asseverando que os alemães de hoje não são pessimistas (num sentido diferente, claro, daquele presente nos escritos de juventude), Nietzsche procura demonstrar o quão Schopenhauer estava em sintonia com o seu tempo – exceto evidentemente com os alemães. Lembremos de novo que, com a vitória alemã na guerra franco-prussiana, é o otimismo que impera em seus compatriotas alemães. O pessimismo de Schopenhauer não é assim de lavra alemã, mas, a seu ver, europeia. Posição evidentemente que ele, Nietzsche, compartilha como um bom europeu. Já, na outra ponta, como casos exemplares do impacto de um pensamento proveniente da alma alemã, Nietzsche traz Leibniz, Kant e Hegel. Fiquemos um momento com esse último pensador, pois é quem nos interessa sobremaneira aqui:

Nós, alemães, somos hegelianos, mesmo que nunca tivesse havido um Hegel, na medida em que (à diferença dos latinos) damos *instintivamente* [grifo nosso] ao vir a ser, ao desenvolvimento, um valor mais profundo e mais rico do que aquilo que “é” – e nós mal acreditamos que se justifique o conceito de “ser”¹⁵.

Desta perspectiva, Schopenhauer não exprimiria a alma alemã, mas a europeia. Hegel, por sua vez, exprimiria a alma alemã do seu presente, em que o vir a ser e o desenvolvimento são traços indiscutíveis, à diferença do que se passava com outros povos.

Esses dois elementos, o pessimismo e o vir a ser, vão perpassar as formulações das contraposições conceituais a que nos referimos acima, com modulações diferentes, facilmente percebidas se levadas em conta condicionantes externas. Com a ideia do vir a ser, Nietzsche percebe que ela favorece os movimentos revolucionários, malgrado estes terem como marca o “ser” (o revolucionário aqui se pautaria por um ideal, por uma ideia una, estável, não modificável, portanto, confiável, segura e garantidora de estabilidade). No entanto, na contraposição categorial entre o otimismo e o pessimismo, este, marcado pelo romantismo, trazia intrinsecamente o germe do “ser”, impossibilitando uma real contraposição com o otimismo de cunho socrático. Com a consciência histórica, algo de semelhante ocorria, uma vez que, aquilo que caracteriza efetivamente a alma alemã, o vir a ser, estaria aterrado pelo seu outro, balizador da modernidade. A aposta no progresso, por exemplo, colide com aquilo que é especificamente alemão.

Essas incongruências internas – apresentadas aqui rapidamente – dissolvem-se a partir da *Gaia ciência*, momento no qual as contraposições ganham uma nova ótica. No § 370, Nietzsche recoloca, em nova chave, o pessimismo e o vir a ser, mostrando ser intrínseco a cada um deles certa ambivalência, que havia passado despercebidas nos seus primeiros escritos. Partindo da distinção entre dois tipos de sofredores, aqueles que sofrem de “abundância de vida” e os que sofrem de “empobrecimento de vida”, Nietzsche encontra um meio para avaliar os estados de vida, condenando, no caso deste aforismo, os pessimistas românticos. No entanto, em ambos os sofredores, esses dois aspectos estão presentes: quando se está sob o guarda-chuva do “do vir a ser”, “o anseio de *destruição*, mudança, vir a ser, pode ser expressão de energia abundante [...], mas também pode ser o ódio do malogrado [...]”. Quando se está sob o do “ser”, “[a]

¹⁵ *A Gaia Ciência*, § 357.

vontade de eternizar [...] pode vir da gratidão e do amor [...]. Mas pode também ser a tirânica vontade de um grave sofredor”. Com o pessimismo romântico (advogado pelos empobrecedores da vida), “o vir a ser” expressa o ódio do malogrado e o “ser” a tirânica vontade do sofredor. Com o seu outro, o pessimismo dionisíaco (advogado pelos abundantes de vida), o vir a ser exprime uma energia abundante e o “ser” a gratidão e o amor. Em cada um deles, há esses dois aspectos presentes.

Assim, essas polarizações, que se dividem internamente, expressando ambivalências, distinguem-se de modo definitivo quando assumem a forma de saúde e doença. Este esquema de avaliação, como o próprio Nietzsche afirma “justificadamente preferível”¹⁶, acaba por reagrupar em lados bem distintos cada um dos polos das contraposições conceituais presentes no decorrer da obra, que, por razões que não desenvolveremos aqui, terão a sua função de medida de avaliação plenamente acabada na doutrina da vontade de potência.

Ao se posicionar ao lado da saúde, Nietzsche acaba também, por decorrência, por se posicionar politicamente. É assim que, no momento em que fornece uma nova roupagem às contraposições até então por ele aventadas, que as dificuldades conceituais anteriores se dissolvem, não porque as incongruências com que se deparava foram resolvidas, mas porque a ótica foi alterada: o que passa a importar é saber qual é o lado sadio e qual é o doente, para, a partir daí, ter instrumentos de seleção, quais sejam, os que trouxemos no início desse texto, dentre vários outros.

Com essa nova formulação das contraposições, tudo o que é doente pode ser doravante entendido como algo a ser “descartado” – e aqui a “eugenia” pode ter doravante livre curso. Antes, essa posição não tinha como ser levada a cabo, pois as categorias com que Nietzsche trabalhava não o permitiam bem justificá-la. No máximo, permitiam apontar para uma inadequação ou insuficiência categorial na crítica que almejava fazer à modernidade. Com essa derradeira formulação, os entraves teriam sido removidos.

Sempre é importante lembrarmos que as posições acima eram muito correntes, seja na literatura, em trabalhos científicos, seja, em certa medida, no espírito da época. No caso preciso, essas posições em Nietzsche têm por alvo, como já dissemos, a busca de meios para curar sua época dos males modernos, visando ao favorecimento de uma vida plena, que ocorre a partir de uma radicalidade extrema. Não tinham, portanto, a

¹⁶ *A Gaia Ciência*, § 357.

conotação pejorativa que passaram a ter quando se tornou explicitamente um meio de segregação social. De qualquer forma, independentemente do juízo que possamos fazer das posições de Nietzsche, um título a um texto sobre o filósofo poderia ser utilizado não a favor, mas contra ele: “bons sentimentos, venenos da alma”¹⁷.

Referências bibliográficas

FÉRÉ, C. *Dégénérescence et criminalité. Essai physiologique*, Paris, F. Alcan, 1888.

FREZZATTI, W. “Eugenista?”. In: *Revista Cult*, n. 236, julho 2018, p. 38-40.

LOSURDO, D. *Nietzsche - O rebelde aristocrático*. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Revan, 2009.

MARTON, Scarlett. “Bons sentimentos, venenos da alma”. In: *Folhetim*, n. 336, março de 1983, p.4-5.

_____. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Barcarolla, 2010.

NASSER, E. “Nietzsche e a morte”. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, vol. 11, 2008.

NIETZSCHE, F. *Kritische Studienausgabe (KSA)*, 15 vol., Berlin, New York, Walter de Gruyter & Co. 1988.

_____. *Aurora*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Crepúsculos dos ídolos*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

SALANSKIS, E. “Sobre o eugenismo e sua justificação maquiaveliana em Nietzsche”. Trad. Eder Corbanezi. In: *Cadernos Nietzsche*, vol. 32, 2013.

¹⁷ MARTON, Scarlett. “Bons sentimentos, venenos da alma”. In: *Folhetim*, n. 336, março de 1983, p.4-5.